

O último suspiro do *flâneur*

Rodrigo Saturnino*

Índice

Introdução	1
1 O <i>flâneur</i> : A arte de ser vagabundo	1
2 A angústia de Baudelaire	2
3 A cooptação do poeta errante	4
4 Onde está o vagabundo virtual?	5
5 Os últimos suspiros do <i>flâneur</i>	7
Referências Bibliográficas	9

Introdução

A Internet é um lugar de trajetórias. A afirmação é de Lev Manovich (2005). O autor descreve a *web* como um espaço simbólico, caracterizado por infinitas possibilidades de percursos. No admirável universo *cyber* de Manovich, a conectividade é sua base de sustentação. Na sua realidade análoga, o *cyberspace* é um espaço navegável, aberto ao decurso errante e propício para o ato da *flânerie*.

Seguindo este raciocínio, o objetivo deste artigo-ensaio é, despretenciosamente, refletir sobre o conceito de *flâneur* a fim de perceber se podemos admitir sua transposição para o atual contexto da utilização da Internet. Apresento algumas apreciações literárias de Charles Baudelaire, seguida da verificação

*Mestrando em Ciências da Cultura. Comunicação e Cultura. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

do conceito em Walter Benjamin. Posteriormente, considero algumas contribuições de Lev Manovich e André Lemos e as respectivas ampliações metafóricas que estes autores realizaram em relação ao termo.

1 O *flâneur*: A arte de ser vagabundo

Nos dicionários, os termos *flâneur* e *flânerie* têm restrita ligação ao ato de deambular sem destino; uma prática de quem ostenta a divagação. Não exagero em dizer que um dos principais contextos do surgimento da *flânerie* encontra-se em Paris¹. Considerada como o palco de grandes revoluções políticas e industriais, Paris não era vista apenas como a capital da França. De certo modo, o simbolismo dos meados de 1800, fazia coro para elevá-la como a capital do mundo, afinal a cidade sustentava no currículo atributos que continuam insubstituíveis. Não foi só conhecida pela produção artística, filosófica e militante, como também despertou o

¹Não devemos desconsiderar a aproximação londrina do *flâneur* de Baudelaire que emergiu através do “homem da multidão” de Edgar Allan Poe. No entanto, a considerar pelo avanço da industrialização de Londres quando Poe escreveu o conto, podemos supor que o ato da *flânerie* era mais propício em Paris. Provavelmente, o contexto taylorista de 1888, já não reservava espaço para tal prática.

interesse da arquitetura mundial. Paris simbolizava a cidade aberta.

A ousadia dos projetos urbanísticos estão registradas nas palavras de Walter Benjamin. Ao classificá-la como “The Capital of the Nineteenth Century”, deixava à mostra sua apreciação pelas grandes galerias comerciais que contribuíram para o crescimento do comércio, da moda e da industrialização da cidade. Paris suportou também os desafios de Haussmann, convidado por Bonaparte para alterar toda a fisionomia da antiga cidade. O *artiste démolisseur* provocou a mais forte alteração arquitetônica já vista nas cidades do séc. XIX. Em nome do rigor da funcionalidade social, abriu avenidas, criou prédios públicos, *boulevards* e deu espaço para suportar grandes fluxos de pessoas, de trânsito e de lucro (BENJAMIM, 2002: 42).

A metrópole explodiu sob a forma de símbolo do progresso. Ao mesmo tempo revelou com sua ostentação um novo problema social. O projeto de Haussmann fez transbordar na fisionomia e fisiologia parisiense o fenômeno da multidão. Por sua vez, a multidão propiciou novas formas de experiências sociais. Seu movimento multitudinário e indefinido, reconfigurou a questão da individualidade que marcou os períodos anteriores às revoluções industriais.

Na multidão o indivíduo está dissoluto de toda sua personalidade. Ao misturar-se, tornava-se partícula paisagística que compunha o novo cenário urbano. Por outro lado, a multidão contribuiu para originar novas formas de isolamento social e de anonimato conveniente. No seio da multidão a figura do *flâneur* foi alimentada. A metamorfose espacial que a metrópole sofreu, propiciou o desaparecimento do sujeito. Inversamente, ela ocasionou o conforto so-

cial por que era capaz de dispersar as identidades. Célia Margarida Lourenço Bento, em sua tese de mestrado, destacou que a função de deambular estaria especialmente entregue aos parisienses devido aos precedentes contextuais que a cidade provocou na reputação dos indivíduos, conclamando-os a uma paixão e um sentimento pelo ato da *flânerie* (BENTO, 2004: 19).

2 A angústia de Baudelaire

O poeta francês, Charles-Pierre Baudelaire nasceu em Paris em 09 de abril de 1821 e ainda é considerado um dos grandes poetas do séc. XIX. No ensaio *Le Peintre de La Vie Moderna*, publicado em 1863, o autor destacou a figura emblemática de Sr. G., um artista notável a quem Baudelaire classificou como o autêntico *flâneur*.

Baudelaire utilizou a personagem para dar o tom crítico do seu ensaio e, assim, contrapor o novo modelo que emergia na sociedade parisiense do séc. XIX durante o processo de industrialização do tempo e da arte. A personagem era um “cidadão espiritual”, um “homem do mundo”, um artista que se interessava pela vida e por tudo que o rodeava. Sr. G. compreendia a sociedade e suas razões misteriosas por que se empenhava em conhecê-la de forma global (BAUDELAIRE, 2006:15).

A personificação do Sr. G. representava o desprendimento do poeta diante dos condicionamentos sociais e econômicos que a sociedade parisiense insistia em imputar aos artistas que resistiam ao processo de industrialização da cidade. Segundo o poeta, para o “homem do mundo” seria insuportável restringir a sua competência elaborativa da vida apenas às limitações presentes nos círcu-

los da maioria dos artistas, estes vencidos pela cooptação, verdadeiros homens “brutos muito cheios de jeito, pura mão-de-obra, inteligências campônias, cérebros de um qualquer lugarejo” (BAUDELAIRE, 2006: 15).

O protagonista de Baudelaire simbolizava a exaltação do “homem do mundo”, aquele que se prendia ou se desprendia para conhecer toda superfície, sem restrições territoriais. Dois aspectos moviam os interesses do Sr. G.: a curiosidade – o ponto de partida para sua genialidade – e a convalescença – que o levava a se interessar “vivamente pelas coisas, mesmo por aquelas que são aparentemente mais triviais” (BAUDELAIRE, 2006: 16).

Através dele, Baudelaire distanciava-se dos moralismos e absorvia, como uma esponja, as coisas que os seus olhos alcançavam. Sr. G era um especialista no exercício da observação do mundo que crescia à sua volta. Por isso, ele se abnegava em ser categorizado como artista (no sentido restrito da palavra e do contexto do séc. XIX) e em ser chamado de *dandy*, mesmo sendo este o símbolo da aristocracia, da sofisticação e da inteligência sutil em relação ao conhecimento do mecanismo moral do mundo. O *dandy*, apontou Baudelaire, apesar das tais atribuições, aspirava à insensibilidade do mundo. Era um ser *blasé*, relapso e insípido pela política ou por razões de natureza familiar. Definitivamente, não eram estes os atributos de Sr. G.

Restou ao autor – e esse caminho foi que Baudelaire percorreu ao eliminar as categorias deficientes – incluir sua personagem na condição de flanador. A multidão era o seu domínio. Sua função era desposá-la em perfeito comprometimento com suas atribuições. O *flâneur* era um observador

apaixonado que elegeu domicílio na invisibilidade. Ela habitava o inconstante, o movimento, o fugitivo e o infinito, e nisto estava o seu imenso gozo (BAUDELAIRE, 2006:18). O *flâneur* estava fora de casa. No entanto sentia-se, em todo lado, na sua própria casa. Ele podia ver e sentir o mundo. Podia estar no centro dele, mas ainda assim, sorrateiramente, conseguia permanecer oculto e insubordinado às estruturas automáticas de classificação.

O *flâneur* de Baudelaire, nos percursos, nas observações cotidianas e na absorção do mundo, sobrevivia no interior do que ele chamava de modernidade, ou seja, no transitório, no contingente e na metade da arte. Para Baudelaire, o ato de deambular como um vagabundo errante era um exercício de contemplação artística. No seu delírio poético, os passeios de Sr. G. serviam de fonte para alimentar a sua memória. Perdido na multidão, aproveitava para olhar sem julgamento e construir, num ato de *expertise*, a própria ordenação do mundo. O devaneio era a reflexão do *flâneur*. O exercício de ordenar servia para “atribuir um sentido eterno aos instantes captados. [...], funcionando como um ‘caleidoscópio dotado de consciência’” (BENTO, 2004: 22).

A multidão era o símbolo do seu questionamento em relação à transição que a cidade e sua etnogênese enfrentavam com os avanços do séc. XIX. O sujeito, o *flâneur*, o pintor da vida moderna de Baudelaire, preconizava a figura emblemática das crises de identidade cultural que a modernidade representava. O *flâneur* refletia o estado provisório do ser no mundo. Todos os demais que sucumbiam às exigências destas transformações, eram rebatidos pelo *flâneur*. Ele era o último artista. O derradeiro sobre-

vivente no caos da transitoriedade. E o seu trunfo era fruto dos constantes atos de metamorfose, anonimato e mutação. O pintor da vida moderna pincelava o próprio mundo com movimentos ariscos e fugazes. Fazia sua ronda no meio das galerias comerciais, nas *arcades*, nas passarelas da moda, nas manifestações e nas greves. No entanto, não se apejava a nenhuma delas.

A experiência da *flânerie* conectava-se com a experiência estética que a modernidade oferecia ao *flâneur*. No ensaio, o autor utilizou três representações sociais para diferenciar as suas atitudes: a figura do militar, a do *dandy* e a da mulher. O militar personificava-se através da estampa alinhada do sujeito forte, uniforme, estruturado e rígido. O *dandy* representava a aristocracia hipócrita que configurava a imagem da sociedade educada, e sofisticada. E finalmente, a mulher era concebida através da beleza dos trajes, dos adereços e pela valorização dos atributos físicos. Para o poeta, ela era a imagem mais valorizada e a mais exacerbada pelos estetas modernos e servia como uma analogia dos objetivos da modernidade. Quando se referiu ao ato da maquiagem feminina, deixou escapar a crítica social contra as artificialidades que emergiam na sua época.

A maquiagem, defendia Baudelaire, era um ato corretivo que pretendia harmonizar a ausência do bem na figura humana. O poeta estava convicto de que a complacência não era uma atribuição natural do homem. Ao contrário dos crimes e das atrocidades – explícitos nos desejos naturais humanos – a benignidade só poderia ser adquirida por meio de sua conquista. Para o autor, o bem era um adereço artificial ao sujeito. A maquiagem utilizada pelas mulheres parisienses repre-

sentava a tentativa do sujeito da modernidade fazer desaparecer, de uma vez por todas, as manchas que a natureza havia semeado ultrajosamente na sua cara. O pó de arroz que cobria os rostos pálidos dos parisienses – que depois acompanhou toda a geração da *Belle Époque* –, uniformizava não só a pele, mas a moral do homem e da mulher moderna (BAUDELAIRE, 2006:50-51).

O ensaio de Baudelaire, inaugurou marcos posteriores através das suas formulações sobre o lugar do tempo e da arte no meio do sufrágio da cidade em relação aos projetos de modernização. Para ele, apenas o *artista-flâneur* conseguiria – no interior das turbulências e da histeria da metrópole – preservar na sua memória as imagens da subjetividade experimentadas durante as deambulações que realizava. Baudelaire acreditava que a modernidade retirava o lugar acolhedor que a cidade constituía. No lugar de conforto, a cidade havia se transformado em um espaço de indiferença e hostilidade. A voz nostálgica do poeta suspirava, esperançosamente, através do seu herói: ele era o único protagonista com chances reais de transformar as imagens captadas durante a *flânerie* em novas formas poéticas de interpretação da realidade. Este era o seu último esquivo de subversão da tecnocracia que estruturava, uniformizava e maquiava a sociedade que surgia com a Revolução Industrial.

3 A cooptação do poeta errante

O tema da cidade e de suas transformações estão presentes em diversos artigos de Walter Benjamin. No texto “Paris, the Capital of the Nineteenth Century” e em “On Some Motifs in Baudelaire”, Benjamin (2002) descreveu a transformação que a capital

francesa sofreu durante os grandes investimentos de modernização da cidade. A figura do *flâneur* emergiu como elemento de descrição social do fenômeno industrial que a cidade se submeteu. Mesmo diante do aspecto fragmentário da obra benjaminiana, é possível destacar a importância existente entre esses dois elementos urbanos: a cidade e o *flâneur*. Benjamin concordava com Baudelaire, e era a partir dele que destacava a rua e a multidão como lugares de refúgio do *flâneur*. No entanto, Benjamin apresentou um novo desfecho para esta personagem.

Para Benjamin, a *flânerie* na sociedade industrial estava destinada a sobreviver nos interstícios e nas passagens construídas entre as luxuosas galerias comerciais na Paris do séc. XIX. O autor julgava ser este lugar o “paraíso” da multidão. Era o local ideal para que o *flâneur* usufruísse, comodamente, dos espaços fluídos das galerias. O passeio propiciava o exercício da observação ociosa e descontraída. Nelas, o flanador distanciava-se do tormento do trânsito e do barulho das grandes avenidas. As galerias tornaram-se em um lugar de anulação do *tedium vitae* do povo. Um mundo em miniatura, um resumo da cidade fragmentada estava à disposição dos transeuntes.

Tanto Baudelaire como Benjamin consideravam o *flâneur* como um sujeito dotado de perspicaz habilidade no olhar. Ao observar ele entrava em choque com a realidade que despedaçava o passado. O drama existencial refrigerava-se na multidão. No seu interior sua identidade ainda desconhecida, encontrava paz através do convívio com outros anônimos, misturados entre a invisibilidade e a dissolução dos traços individuais que a massa proporcionava.

Para Benjamin, a multidão era anestésica.

Propiciava, por um lado, o exercício do anonimato e por outro, criava uma paisagem fantasmagórica coberta por um véu que escamoteava o lado horrível da sociedade. Outro aspecto atormentava o *flâneur*: a solidão. Quanto mais anônimo o *flâneur* fosse dentro da massa e quanto mais ele se sentisse fora do processo em que a multidão estava incluída, seu sentimento de solidão seria mais evidente. Mas a cidade de Benjamin exigia mais do *flâneur*. Com a marginalização do ócio e do anonimato na multidão, a metrópole começou a tornar-se uma ameaça à vida do deambulante. A sociedade que o absorvia, apontou Benjamin, estava marcada pela voracidade da reprodução industrial em busca de avidez de lucro e de produção.

Cooptada, restou à multidão seguir atrás do processo industrial. O *flâneur* irá recorrer a um último lugar de refúgio. Benjamin levou o vagabundo para os centros comerciais. Mas já não há tempo para *flânerie*. Na multidão que marchava no ritmo da moda e da mercadoria, o destino fatal do *flâneur* foi o de render-se. Dificilmente ele conseguiria esquivar-se do poder da embriaguez alucinógena em que as pessoas na multidão estavam envolvidas. No fim da sua jornada, sucumbiu ao mesmo modo de existir daquela que, outrora, constituiu sua esperança.

4 Onde está o vagabundo virtual?

A cidade, depois das revoluções e metamorfoses descritas por Benjamin e Baudelaire, continuou seu processo de modernização. Na sociedade contemporânea os seus movimentos fizeram nascer um novo espaço.

Ao invés de largas avenidas ou geométricos *boulevards*, passamos a experimentar um espaço “desterritorializado”. O ambiente simbólico da Internet é o exemplo mais profícuo.

Os sociólogos e teóricos da comunicação dedicaram inúmeras páginas para celebrar o seu surgimento. Manuel Castells (2002; 2003) é um dos mais promissores autores a refletir sobre as transformações sociais que ela acarretou. Reafirmando o antigo paradigma da revolução tecnológica, chegou a considerá-la como marco análogo a nova revolução industrial. Apropriando-se da metáfora da rede, Castells acreditava que a sua formação representou uma nova forma do sujeito vivenciar sua posição no mundo. Para o sociólogo, a chegada da Internet revolucionou todo o padrão cultural anteriormente estabelecido, atingindo crenças e códigos construídos ao longo da nossa história.

Para além das potencialidades sociológicas que Castells destacou, o caráter rizomático da Internet colaborou para estabelecer marcos simbólicos em relação à geografia das coisas. A reorganização do espaço, do tempo e da nossa interação afetiva vem sendo considerada como um dos aspectos cruciais para sua consolidação como ambiente relacional. Sem dúvida a afirmação de Lev Manovich confirma-se: A Internet é um espaço marcado por trajetórias, propício às analogias com a navegação.

A experiência de navegação adiciona ao imaginário do utilizador novas formas de subjetivação da sua identidade. Segundo Manovich, a estrutura navegável fortalece a necessidade afetiva do sujeito deambular e explorar lugares. Manovich tentou resgatar o conceito de *flâneur* ampliando a sua perspectiva. Para ele, as restrições físicas da

cidade são, literalmente, superadas na Internet na medida em que o utilizador conseguiu transformar o seu percurso como se a sua rota fosse um espelho de sua própria subjetividade.

“The navigable space is thus a subjective space, its architecture responding to the subject’s movement and emotion. In the case of the *flâneur* moving through the physical city, this transformation, of course, only happens in the *flâneur*’s perception, but in the case of navigation through a virtual space, the space can literally change, becoming a mirror of the user’s subjectivity. (MANOVICH, 2001:269).

Segundo ele, o *flâneur* virtual é mais feliz por que está em movimento constante. O “clique” em objetos simbólicos ressignifica a experiência da deambulação. Como se estivesse numa cidade infinita, o utilizador amplia o seu campo de navegação quando internaliza a possibilidade de “navegar” através da aleatoriedade dos cliques.

Para Manovich, o espaço navegável não está preso à fisicalidade ou às interfaces funcionais. O espaço navegável é também uma expressão, um desejo psicológico, um estado de ser de quem navega. O movimento do *flâneur* na metrópole ocorre unicamente na percepção do próprio sujeito. Afinal é ele quem desloca-se enquanto o espaço continua inerte. Ao contrário da dureza da cidade, na Internet, defende Manovich, o espaço é rizomático e pode transformar-se. E Manovich vai mais longe. Afirma que o fracasso do *flâneur* na modernidade

foi superado na Sociedade da Informação. Na Internet, ele não só realizou o sonho democrático de Castells, como também recuperou a sua honra, afinal, neste “espaço” ele pode deslizar sobre campos infinitos de dados apenas clicando em um botão. Já não são as cores ou as formas da cidade que o conforta, mas a variedade de operações que pode executar a partir das próprias decisões.

“Like Baudelaire’s flâneur, the virtual flâneur is happiest on the move, clicking from one object to another, traversing room after room, level after level, data volume after data volume. [...] navigable space is not just a purely functional interface. It is also an expression and gratification of a psychological desire, a state of being, a subject position – rather, a subject’s trajectory. If the subject of modern society looked for refuge from the chaos of the real world in the stability and balance of the static composition of a painting, and later in the cinematic images, the subject of the information society finds peace in the knowledge that she can slide over endless fields of data, locating any morsel of information with the click of a button, zooming through file systems and networks. She is comforted not by an equilibrium of shapes and colors, but the variety of data manipulation operations at her control” (MANOVICH, 2002: 274-275).

No texto “Ciber-Flânerie”, André Lemos (2001) defendeu uma ideia similar. O au-

tor estabeleceu uma aproximação direta entre o comportamento dos utilizadores da Internet e a figura do poeta-vagabundo das metrópoles. Para Lemos (2001), a *flânerie* urbana e a virtual se relacionam a partir da questão espacial que ambas estabelecem. No espaço simbólico da Internet, a *ciber-flânerie* “traduz-se em uma apropriação do ciberespaço pela hipérbole, pela profusão de informação, pelo excesso”. Como Manovich, o autor pontua a questão relacional que se constituiu durante a “navegação” dos utilizadores. Lemos considerou que a estrutura imaginária da rede da Internet permite o “livre caminhar por *links*, como um ciberflâneur, experimentando a não-linearidade (ou multi-linearidade), a multiplicidade e a heterogeneidade de pontos de vistas”. O autor chega a afirmar que esta experiência não representa uma privação ou isolamento, mas um forma “de construir e inventar o dia a dia” (LE MOS, 2001).

5 Os últimos suspiros do flâneur

Lev Manovich e André Lemos partilham de uma visão: a Internet é um espaço de trajetórias e de cartografias simbólicas. Devemos concordar com os autores na medida em que a realidade só pode existir a partir das interações simbólicas estabelecidas no interior das sociedades. Não basta ser físico para ser real.

Enquanto lugar simbólico dotado, tecnicamente, de mecanismos que simulam trajetórias, a Internet, de fato, é um espaço sem aspas. Até aqui é possível admitir alguma conexão entre a figura de Baudelaire e a que emerge no seu interior. Sem dúvida, o utilizador realiza um percurso na utilização que faz da Internet através das suas li-

gações e hiperligações. No entanto, a ampliação do conceito deve se restringir apenas ao caráter lúdico da ação. O aspecto político que está implícito, por exemplo, na atitude do *flâneur baudelairiano*, sofrerá importantes restrições esquemáticas se tentarmos ampliá-lo ao atual comportamento do utilizador da Internet.

O *flâneur*, na sua constituição clássica, era caracterizado pela atitude desprenteciosa, gratuita e errante em relação ao seu tempo. O desejo de sucumbir aos condicionalismos da industrialização aterrorizava a sua constituição identitária. A postura de vagabundo no meio da multidão era resistência e desprezo contra a rotina que a máquina inaugurava.

A poética otimista de Lemos e Manovich deixou de lado o destino que Benjamin deu à *flânerie*. Há 10 anos atrás a Internet ostentava o título de espaço em reconstrução constante. Vivíamos o *frenesi rizomático*. *Hiperlinks* ilimitados, volume de dados incontáveis, conteúdos diversificados, trajetórias infinitas à frente das cores vibrantes dos ecrãs. Continuamos a experimentar suas transformações mas, três aspectos latentes estabeleceram um marco de dormência na postura do *flâneur* virtual defendido pelos dois autores: a produção do *self*, o vigilantismo e a rotinização da rota.

Na multidão de Baudelaire, o sujeito transformava-se em não-sujeito. O gozo do *flâneur* concentrava-se em perder-se no meio dos transeuntes a fim de não ser nem encontrado nem reconhecido. Era assim que constituía sua subjetividade enquanto ser que subsistia nos espaços não institucionalizados. No início dos anos 2000, alguns autores celebraram a Internet como lugar simbólico de transitoriedade, impermanência e a autonomia. Estes atributos continuam as-

sociados ao seu caráter reticular. Mas a atitude da *flânerie* virtual que experimentamos atualmente, condiciona-se através do poder de cooptação dos nossos desejos que os grandes monopólios digitais exercem sobre nosso comportamento.

Na “meta-cidade”, o ciber-*flâneur* rende-se, não mais aos centros comerciais, mas à justificação da presença. Não há gozo em perder-se na multidão de informação. Ao contrário, a Internet de hoje exige reputação. O anonimato, apesar de continuar a existir, não justifica a postura deste *flâneur*. A Internet de hoje exige personalização e publicidade. Ao contrário da *flânerie*, ela é um convite para nos encontrarmos e para ser encontrado. O jogo relacional e afetivo que ela estabelece, colabora para criar novas identidades, novas subjetivações, novas complexidades e uma gigante base de dados eficaz aos serviços de triagem publicitária e vigilância consentida. Não há navegação caótica. Existem itinerários quase mecânicos, naturalizados pela repetição monótona e anestésica. Clicamos nos mesmos *links* e nos mesmos *likes*.

Os últimos suspiros do *flâneur* virtual, ironicamente, reclamam por privacidade no meio da ciber-multidão. Ele regozija e sofre. Alegria-se com a infinita “cidade” que espera por ser despojada, comemora sua cidadania, mas angustia-se com tantos dispositivos capazes de identificá-lo e localizá-lo de maneira muito mais eficaz do que as medidas aplicadas no séc. XIX. A tecnologia de IP’s e os registros obrigatórios para subscrição de *sites* na Internet, os cartões SIM e os sistemas de GPS dos telemóveis e *tablets*, aterrorizam sua existência. Sua rota foi transformada em rotina de valor comercial.

O *flâneur* virtual participa de um jogo in-

voluntário que se torna em ação voluntária na medida em que não consegue escapar do processo. Ao consentir, auxilia a escamotear a força política da vigilância que se realiza através deste ato (Poster, 2000: 102). O *flâneur* virtual está confuso. Na sua memória emerge a lembrança de que o registro da sua trajetória não passa de um pressuposto social de normalização e harmonização das populações, conforme defendeu Foucault (1999). Mesmo admitindo as potencialidades do novo espaço, sabe que quanto mais fugir, mais será encontrado. Quanto mais navegar, quanto mais clicar, quanto mais marcar os amigos nas fotos, mais estará engrossando as estatísticas. A Internet de hoje não admite contemplação, não suporta a melancolia nem as angústias do mundo. Ela é pró-ativa, feliz e rentável. Ao contrário do que escreveu Lemos (2001) quando celebrou a *flanêrie* virtual, os “cliques nervosos e aleatórios” imprimem não só as marcas do ciber-*flâneur* na rede como justifica o estado latente da sociedade que o flanador de Baudelaire ignorava. Já não há tempo para “levar tartarugas para passear pelas galerias” e seguir o protesto de Benjamim contra o capital (1994: 50-51).

A celebração filosófica e “ecológica” da Internet é tentadora. Estamos diante da máxima experiência de comunicação que a todo instante nos seduz. Se alguma vez esta experiência foi de desvio e de invisibilidade, hoje ela tende a evidenciar que as clivagens do discurso político da Internet vulgarizaram todas as suas teorias de resistência contra a essencialização das identidades e dos recessos íntimos e subjetivos.

Referências Bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles. O Pintor da Vida Moderna. Trad.: Teresa Cruz. 4ª ed. Lisboa, Nova Veja: 2006.
- BENJAMIM, Walter. Walter Benjamin: Selected Writings, Volume 3: 1935-1938. Ed. Michael W. Jennings, et al. Cambridge, MA, and London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2002.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENTO, Célia Margarida Lourenço. O regresso do flâneur nos anos oitenta: Paare, Passanten de Botho e Strauss e Die Berliner Simulation de Bodo Morshäuser. Ms diss., Universidade de Lisboa, 2004.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 243 p.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 2002.
- FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Nau Ed: Rio de Janeiro, 1999.
- LEMO, André. “Ciber-Flanêrie”. In Fragoso, S., et alli., Comunicação na Cibercultura ed. São Leopoldo : Editora Unisinos, 2001. Disponível em: <http://www.andrelemos.info/artigos/ciberflanerie.pdf>.

MANOVICH, Lev. *The Language of New Media*. London, Massachusetts: The MIT Press, 2001.

MANOVICH, Lev. “Espaço Navegável”. In: *Revista de Comunicação e Linguagens: Espaços*. Lisboa, Relógio D’água, 2005.

POSTER, Mark. *A Segunda Era dos Media*. Oeiras: Celta Editora, 2000.